

# AS VARIEDADES DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E A REALIDADE DO INVISÍVEL

*Leonardo Rezende Meireles<sup>1</sup>*

**Resumo:** Em 1901, William James proferiu nas conferências Gifford Edimburgo uma série de palestras com o título: *As Variedades da Experiência Religiosa*, publicado em 1902. Interessar-nos-á, aqui, em primeiro lugar, rever a palestra III, que trata da *Realidade do Invisível*, que mostra ou aponta para a possível origem da crença em entes não empíricos, e como estes, depois de gerados, passam a governar a vida daqueles que neles crêem. Em segundo lugar, analisaremos os conceitos de sentido de realidade e sentido de presença. Por último, faremos um contraponto com as ideias de Rudolf Otto, autor do livro *O Sagrado*. Segundo William James, a religião tem origem quando o homem cria seres imaginários e se relaciona com eles, a ponto destes seres determinarem a conduta e a prática de culto, adoração e devoção. Conforme Otto, James percebeu e analisou com certa perfeição a manifestação do sagrado em si, mas não deu a esta manifestação o devido valor. A religião, para Otto, acontece porque existe na psique humana uma clara percepção do divino, e desta percepção é que nascem as religiões, ao contrário de James, que entendia que os entes sobrenaturais são simplesmente criados pela imaginação.

**Palavras-chave:** Crença. Sagrado. Imaginação.

## 1. Palestra III A Realidade Do Invisível

Logo no início dessa palestra, James define o que entende pelo conceito de religião:

Se nos pedissem para caracterizar a vida da religião no sentido mais amplo e mais geral possível, poderíamos dizer que ela consiste na crença de que existe uma ordem invisível, e que o nosso bem supremo reside em ajustar-nos harmoniosamente a ela (JAMES, 1995, p. 44).

Com base nesta definição, religião diz respeito, ao relacionamento e na crença em alguma coisa, que não podemos perceber pelos cinco sentidos (audição, visão, tato, paladar e olfato). A religião consistiria, então, na crença e no relacionamento com um objeto que não está ao alcance dos sentidos.

O centro da mente humana, e do aparato mental de conhecimento, ação e percepção da realidade é determinado pela consciência. Empregamos o conceito de mente e consciência com base na definição kantiana. Immanuel Kant, na *Crítica Da Razão Pura* (CRP), tenta estabelecer os limites e como funciona a razão. William James dialoga com Kant através dos conceitos de ideias puras, para chegar aos princípios pelos quais nascem os deuses, crenças e valores. Kant define consciência (Bewusstsein) como:

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciência da Religião pela UFJF, doutorando no Programa de Pós-graduação em Filosofia da UERJ e professor permanente IFCE.

(...) a “representação que uma outra representação é em mim”, a qual forma a “condição universal em geral” (p. 544). Considera-se que “acompanha” todos os conhecimentos, determinando sua forma ou o “como” para o conhecimento. (HOWARD, 2000, p. 70).

Toda a vida humana é determinada pela consciência; todas as nossas ações, atitudes, valores morais, afetos, bem como nossas concepções religiosas. As coisas que existem na consciência, podem advir empiricamente e estar ao alcance dos sentidos, ou podem, simplesmente existir como ideias apenas dentro da mente humana. A consciência trabalha a partir de um conceito denominado de ideia.

Kant redefiniu o conceito de ideia. Nesse sentido, o filósofo considerou a distinção entre ideias transcendentais ou conceitos puros da razão e as categorias ou conceitos puros do entendimento que foram uma das principais realizações da CRP. As categorias do entendimento relacionam-se com possíveis objetos da experiência, ao passo que as ideias da razão referem-se à totalidade de toda a experiência possível, a qual diz Kant, “não é experiência em si mesma” (P § 40).

As ideias têm três tipos de origens distintos, umas provém dos sentidos, outras fazem parte do funcionamento da consciência e já nasceram conosco, e outras podem ser inventadas e criadas pela imaginação fantasiosa:

Todas as nossas atitudes, morais, práticas ou emocionais, bem como as religiosas, devem-se aos “objetos” da nossa consciência, às coisas que acreditamos existirem, seja real, seja idealmente, junto de nós. Tais objetos podem estar presentes aos nossos sentidos, ou podem estar presentes apenas no nosso pensamento. Em qualquer um desses casos, eles provocam em nós uma reação; e a reação produzida por coisas do pensamento é, notoriamente, em muitos casos, tão forte quanto a produzida por presenças sensíveis. (JAMES, 1995, p. 44).

Uma das principais dificuldades de Kant, na CRP, foi demonstrar como as representações sensíveis são convertidas em ideias, ou seja, como é que os objetos que vemos, tocamos e sentimos são transformados em ideias. Segundo Kant, os dados são transformados em fenômenos depois de serem percebidos pela intuição sensível. O que escapa ao entendimento não pode ser conhecido apenas pode ser pensado, ideias tais como alma, Deus, liberdade. A síntese entre a sensibilidade e o entendimento é feito pela imaginação<sup>2</sup>. Imaginação é a capacidade de representar uma imagem mesmo na ausência do objeto.

---

<sup>2</sup>A imaginação, como Kant definiu o termo, diz respeito a parte da faculdade de conhecimento que faz a ligação entre sensibilidade e entendimento. Já a imaginação fantasiosa se refere a capacidade humana de criação e divagação. Faculdade da imaginação (phantasia, facultas imaginandi, Einbildungskraft), Kant divide a sensibilidade em sentido e imaginação, incluindo o primeiro a faculdade de intuição na presença do objeto e a segunda a intuição sem a presença de um objeto. A não-presença do objeto para a imaginação pode ser pensada de duas maneiras: ou o objeto estava presente mas já não está mais, ou sua presença situa-se no futuro.

As outras formas de ideias são aquelas que compõem a estrutura do funcionamento da faculdade de conhecimento, o que Kant denominou de ideias puras da razão: tempo, espaço, causa e efeito. Estas ideias, ao contrário daquelas citadas acima, não tem origem pelos sentidos, elas fazem parte do mecanismo de funcionamento da razão humana. A mente humana pensa a partir destes conceitos. De tal forma que é possível retirar todos os objetos que estão no espaço, só não é possível retirar o espaço do espaço, uma vez que o espaço é a maneira pela qual a razão organiza as percepções sensíveis. A mesma coisa acontece com o tempo, que é definido como capacidade interna de organização: ontem foi aula de história, hoje é aula de antropologia e amanhã haverá aula de filosofia.

Kant, para dizer que a razão atua da mesma forma em todos os homens, cunhou o conceito de sujeito transcendental. Ou seja, a faculdade de conhecimento funciona da mesma maneira em todos os homens, independentemente de culturas, etnias e religião, nas palavras do próprio Kant:

Provavelmente, uma das muitas conclusões que se podem extrair da investigação antropológica é que a mente humana, apesar de todas as diferenças culturais entre as diversas facções da humanidade, é em toda a parte a mesma coisa, com as mesmas capacidades. (STRAUSS, 1980, p. 33).

O objetivo de William James ao recordar Kant, não era expressar juízo sobre a verdade ou falsidade da teoria kantiana, mas ilustrar a característica da natureza humana, como podemos perceber na citação seguinte:

Nossas concepções requerem sempre um conteúdo sensorial para podermos trabalhar com elas, como “Deus”, “alma”, “imortalidade”, não cobrem nenhum conteúdo sensorial distintivo, disto se segue que, teoricamente, estas palavras são destituídas de qualquer significação. No entanto, por estranho que pareça, elas têm um significado definido para nossa prática. Podemos agir como se Deus existisse, sentir como se fossemos livres, considerar a natureza como se ela andasse cheia de propósitos especiais, fazer planos como se devêssemos ser imortais, e verificamos então que essas palavras determinam uma genuína diferença na nossa vida moral. Nossa fé em que tais objetos ininteligíveis realmente existem revela-se assim um equivalente integral, como diz Kant, ou seja, do ponto de vista da nossa ação, do conhecimento que eles poderiam ser, caso nos fosse permitido, concebê-los positivamente. Assim sendo, temos o estranho fenômeno de uma mente que acredita com toda a sua força na presença real de uma série de coisas, das quais não lhe é dada formar noção alguma. (JAMES, 1995, p. 44).

---

Considerado do ponto de vista da imaginação empírica, isso dá origem às faculdades de memória e previsão, as quais recordam e predizem a presença de objetos distintos. Entretanto, Kant introduz uma outra distinção no conceito de imaginação que lhe permite distinguir entre imaginação empírica ou evocativa e imaginação poética ou produtiva. Esta é a distinção entre imaginação como uma faculdade de representação original do objeto, a qual por conseguinte precede a experiência e como uma faculdade da representação derivada, a qual faz voltar à mente uma prévia percepção empírica. A imaginação produtiva produz representações originais, isto é, elas não são derivadas da experiência mas propiciam condições de experiência. (Dicionário Kant, 2000, p. 186).

Toda forma de percepção é determinada por ideias puras, não vemos as coisas como elas são, mas colocamos nelas nossas categorias e só assim conseguimos percebê-las, como sustentou Kant na CRP:

Aquele que primeiro demonstrou o triângulo isósceles (fosse ele Tales ou como quer que se chamasse) teve uma iluminação; descobriu que não tinha que seguir passo a passo o que via na figura, nem o simples conceito que dela possuía, para conhecer, de certa maneira, as suas propriedades; que antes deveria produzi-la, ou construí-la, mediante o que pensava e o que representava a priori por conceitos e que para conhecer, com certeza, uma coisa a priori nada devia atribuir-lhe senão o que fosse consequência necessária do que nela tinha posto, de acordo com o conceito. (Immanuel KANT, CRP, B XII).

Não apercebemos o mundo como ele é, mas tudo o que percebemos nele é um reflexo de abstrações, universais ou conceitos que existem apenas na mente:

Tais ideias, e outras igualmente abstratas, formam o substrato de todos os nossos fatos, o manancial de todas as possibilidades que concebemos. Elas emprestam sua natureza, a cada coisa. Tudo o que conhecemos é o que é porque partilha da natureza de uma dessas abstrações. Nunca poderemos olhar diretamente para elas, pois não tem corpo, nem traços, nem pés, mas captamos todas as outras coisas por meio delas e, no trato com o mundo real, nós nos veríamos impotentes na exata medida em que perdêssemos esses objetos mentais, esses adjetivos, advérbios, predicados e chaves de classificação e concepção. (JAMES, 1995, p. 46).

É importante ratificar, que segundo esta hipótese, a consciência humana atua dessa maneira, independentemente de cultura, religião ou etnia:

Platão fez uma defesa tão brilhante e notável desse sentimento humano comum que a doutrina da realidade dos objetos abstratos tem sido conhecida, desde então, como a teoria platônica das ideias. A beleza abstrata, por exemplo, é para Platão um ser individual perfeitamente definido, do qual o intelecto se dá conta como de algo adicional a todas as belezas precedoras da terra. (JAMES, 1995, p. 46).

O outro tipo de ideias são aquelas produzidas pela “imaginação fantasiosa<sup>3</sup>”. William James não usa o termo imaginação fantasiosa, ele faz uso apenas da palavra imaginação, para designar a capacidade humana de criar seres e crer neles. Essas ideias são diferentes das ideias puras, e também se diferenciam das ideias que provem da percepção sensível. São diferentes, por que, as ideias puras fazem parte do aparato mental de conhecimento, já as ideias que tem origem da “imaginação fantasiosa” são criadas e inventadas pela mente.

Assim definimos “imaginação fantasiosa” como a faculdade humana capaz de engendrar ideias, ou seja, a mente humana possui a peculiar capacidade de criar ideias. Ideias estas que podem ser de todos os tipos, jeitos, modelos e maneiras, só para dar um pequeno

exemplo; cavalo alado, fadas, centauros, etc. é uma lista infinita repleta de seres, coisas, monstros, outros mundos, heróis e vilões, todos foram criados pela “imaginação fantasiosa”.

## 1.2 SENTIMENTO DE PRESENÇA OBJETIVA

Sentimento de uma presença, segundo James, é algo que acontece na consciência e produz a clara percepção de que existe alguma coisa ao redor de alguém, “alguma coisa ali”. Essa sensação é muito mais profunda do que qualquer outra sensação provinda dos sentidos, como podemos perceber na citação a seguir:

Um íntimo amigo meu, um dos intelectos mais agudos que conheço, teve diversas experiências desse tipo. Ele escreve o seguinte em resposta às minhas indagações. “Senti várias vezes, nos últimos anos, a chamada consciência de uma presença. As experiências que tenho em mente são claramente distinguíveis de outro tipo de experiência que me tem ocorrido com muita frequência, e às quais imagino que muitas pessoas chamariam consciência de uma presença. Mas a diferença, para mim, entre as duas séries de experiências é tão grande quanto a diferença entre sentir um leve calor que vem não sei de onde e ficar no meio de uma conflagração com todos os sentidos comuns alerta”. “Foi por volta de setembro de 1884 que tive a primeira experiência. Na noite anterior eu experimentara, depois de ir para cama em meus aposentos no College, uma vívida alucinação tátil de ser agarrado pelo braço, que me fez levantar e vasculhar o quarto à procura de um invasor; mas o sentido de presença propriamente dito apareceu na noite seguinte. Depois de enfiar-me na cama e apagar a vela, fiquei acordado pensando na experiência da noite anterior, quando, de repente, senti alguma coisa entrar no quarto e aproximar-se da minha cama. Ali ficou apenas um ou dois minutos. Não reconheci por nenhum dos sentidos comuns e, no entanto, havia uma sensação horrivelmente desagradável ligada a ela. Mexeu mais com as raízes do meu ser do que qualquer percepção ordinária. A sensação tinha o que quer que fosse da qualidade da dor vital de uma dilaceração muito grande, que se espalha principalmente pelo peito, mas por dentro do organismo – e, contudo, não era tanto de dor quanto de aversão. Fosse como fosse, alguma coisa se achava presente, ao meu lado, e conheci-lhe a presença muito mais seguramente do que jamais conheci a de alguma criatura viva de carne e osso. Tive consciência da sua partida como tive da sua chegada; e quase instantaneamente um rápido atravessar a porta e a sensação horrível desapareceu”. (JAMES, 1995, p. 48).

Em primeiro lugar, o amigo do autor tem plena certeza, que o fato ocorrido em seu quarto é totalmente diferente de outros fenômenos corriqueiros do dia a dia. Em segundo lugar, o ser que apareceu em seu quarto era espiritual, “não era de carne e osso”. Em terceiro lugar, ele afirma que teve consciência da aparição do ser não pelos sentidos, mas é algo que vem direto da consciência. Em quarto lugar, é preciso destacar que o sentimento de uma presença só fica bem demarcada na segunda noite, o que ocorreu na primeira foi uma experiência sensível na qual alguma coisa o agarrou pelo braço, descrita como alucinação tátil. Essas três características relatadas acima são as partes principais que compõem o

sentimento de presença objetiva, ou seja, um ser espiritual, experiência não corriqueira, representação apenas na consciência.

Na concepção de James, experiências dessa ordem não são necessariamente experiências religiosas. Mas, em certas situações, todavia, poderia ser considerada uma experiência religiosa:

“Até o dia de hoje”, escreve ela, “não consigo compreender que se possa brincar com a religião e com os mandamentos de Deus. No mesmo instante em que ouvi o grito de meu Pai me chamando, meu coração deu um pulso de reconhecimento. Corri, estendi os braços, gritei: “aqui, aqui estou, Pai” oh criança feliz, o que devo fazer? Ama-me, respondeu meu Deus. Eu o amo, eu o amo, gritei apaixonada. Vem pra mim, chamou meu Pai. Irei, meu coração pulsava. Acaso parei para fazer uma única pergunta? Nunca. Nunca me ocorreu perguntar se eu era suficientemente boa, ou hesitar diante da minha incompetência. Não havia por ventura encontrado meu Deus e meu Pai? Não me amava ele? Desde então tenho tido respostas diretas para a oração, tão significativas que é quase o mesmo que falar com Deus e ouvir-lhe a resposta”. (JAMES, 1995, p. 53).

A moça que faz o relato acima é filha de um escritor adversário do cristianismo. Para William James, o sentimento de presença objetiva, é um fato natural, e bem característico da mente humana, o fato muitas vezes é cercado por ingenuidade e falsa percepção. James afirma que a subtaneidade da conversão da moça mostra muito bem como há de ser ingênuo a certas pessoas o sentido da presença de Deus, nas palavras do próprio autor:

Podemos agora admitir como certo que na esfera puramente religiosa da experiência, muitas pessoas (não posso dizer quantas) possuem os objetos da sua crença, não na forma das meras concepções que seus intelectos aceitam por verdadeiras, mas em forma de realidades quase sensíveis, diretamente apreendidas. (...) “Deus me envolve como a atmosfera física. Ele está mais perto de mim do que minha própria respiração. Nele, literalmente, vivo, movo-me e tenho o meu ser”. (...) “Há ocasiões em que pareço estar na sua presença, falar com Ele. Respostas e orações têm-se chegado, às vezes, diretas e irresistíveis em sua relação da presença e dos poderes dele. Momentos há em que Deus parece muito distante, mas, nesses casos, a culpa é sempre minha”. (JAMES, 1995, p. 50).

### 1.3 SENTIDO DE REALIDADE

O sentido de realidade é uma capacidade que poucos seres humanos não possuem, se é que existe alguém que não o possui, é através dessa faculdade que nós entendemos que o sonho que tivemos ontem à noite não é real, que foi simplesmente um sonho. O sentimento de realidade nos permite distinguir entre o fictício e o real, entre o possível e o impossível, entre o imaginado e o sensivelmente percebido. Essa faculdade afirma que é impossível uma pedra contrariar a gravidade e sair por aí voando. Ela nos diz também que cavalo com asas é um ser

da mitologia grega, que foi fruto da imaginação de um povo que foi mestre em criar mitos e lendas.

Esta capacidade é o referencial para a orientação da consciência, ela é o juízo sobre a realidade dos objetos, e por causa dela que a consciência distingue entre a realidade e irrealidade, nas palavras do próprio autor:

Quando reflito no fato de que apareci por acidente num globo que gira, célebre, através do espaço à mercê das catástrofes dos céus, diz a senhora Ackermann; quando me vejo cercada de seres tão efêmeros e incompreensíveis como eu, todos os quais, excitadíssimos, perseguem quimeras vãs, experimento a estranha sensação de viver um sonho. Parece-me que amei e sofri e que dentro em pouco morrerei, num sonho. **Minha última palavra será: sonhei.** (JAMES, 1995, p. 50).

#### **1.4 RELIGIÃO, IMAGINAÇÃO FANTASIOSA, SENTIMENTO DE PRESENÇA E SENTIDO DE REALIDADE**

A religião é definida por William James como a crença em algo que não podemos ver; a “imaginação fantasiosa” é a capacidade da mente de criar coisas irreais. O sentido de presença é um fenômeno no qual pessoas têm a nítida certeza de entrarem em contato com alguma coisa sobrenatural. Por sua vez, sentido de realidade é a faculdade que distingue entre o que é real e o que não é real.

Começemos com a “imaginação fantasiosa”, suponhamos que ela invente um ser denominado de duende. Logo, o sentimento de realidade julgaria o caso e pronunciaria a sentença: “duende é um ser puramente criado a partir de devaneios da imaginação, e assim, os duendes seriam sempre considerados como seres fictícios”.

Vamos observar o mesmo fato, porém, acrescentaremos o sentimento de presença. A imaginação inventa um ser denominado de duende. Entra em cena o sentimento de presença, e a pessoa têm a nítida sensação de entrar em contato com um duende. O sentido de realidade entra em ação e julga, foi apenas uma alucinação, porque duendes não existem. Mas, também pode acontecer o oposto com o senso de realidade. Ao julgar o ocorrido, ele pode inverter as coisas, e ao contrário de determinar que duendes não existem, o juízo pode ser do tipo, assim como um cavalo realmente existe no mundo real duendes são seres que habitam o mundo espiritual. Quando o sentido de realidade afirma que duendes existem, estes deixam de existirem apenas na imaginação e passam na mente da pessoa, a ter uma existência de fato:

O sentimento de realidade pode, de fato, ligar-se de maneira tão robusta ao nosso objeto de crença que toda nossa vida é polarizada de fio a pavio, pelo sentido que damos à existência da coisa em que acreditamos. É como se uma barra de ferro, sem

tato nem vista, sem nenhuma faculdade representativa, pudesse apesar disso, ser vigorosamente dotada da capacidade de perceber a energia magnética. (JAMES, 1995, p. 44).

Agora entra em cena a religião, nosso duende não é mais um ser imaginário, o juízo do sentido de realidade, o promoveu de ente imaginário a um ser real. Todos os atos e a prática passam a serem executados tendo com ponto de partida a existência de duendes, ou seja, toda a vida passa a ser determinada pela crença em duendes.

Segundo James foi dessa forma que nasceram as religiões. Os homens criam ideias, depois passam a acreditar nelas, e assim, aparecem os cultos, adorações, ritos e práticas, nas palavras do próprio autor:

Os homens conhecem os objetos mais concretos da religião, as divindades que adoram, apenas em ideias. Toda a força da religião cristã, na medida em que a crença nas personagens divinas determina a atitude predominante do crente, é exercida, em geral, por meio de ideias puras, para as quais nada na experiência passada do indivíduo serve de modelo. Os atributos de Deus, sua santidade, justiça, misericórdia, incondicionalidade, infinidade, onisciência, tri-unidade. (...) No entanto, por estranho que pareça, elas têm um significado definido para nossa prática. Podemos agir como se Deus existisse, sentir como se fôssemos livres, considerar a natureza como se ela andasse cheia de propósitos especiais, fazer planos como se devêssemos ser imortais, e verificamos então que essas palavras determinam uma genuína diferença na nossa vida moral. Temos o estranho fenômeno de uma mente que acredita com toda a sua força na presença real de uma série de coisas, das quais não lhe é dada formar noção alguma. (JAMES, 1995, p. 44 – 45).

## 2. O NUMINOSO

Rudolf Otto nasceu em 25 de setembro de 1869. Teólogo alemão reconhecido internacionalmente iniciou seus estudos teológicos em Erlangen e terminou o doutorado, em Göttingen, com uma tese sobre As Concepções do Espírito Santo em Lutero. No livro *O Sagrado* enfatiza os elementos irracionais do numinoso. A religião para o autor tem seu início em si mesma, razão pela qual o sagrado é uma categoria a priori.

Na perspectiva de Rudolf Otto, a manifestação do sagrado é algo divino, que acontece exclusivamente na vivência religiosa, diferente de qualquer outra experiência ou vivência humana seja ela ética, estética ou racional. Para descrever a manifestação do sagrado Otto cunhou o termo “numinoso”:

Para tal eu cunho o termo “o numinoso<sup>4</sup>” (já que do latim “omem” se pode formar “ominoso”, de numen, então, numinoso), referindo-me a uma categoria numinosa de interpretação e valoração bem como a um estado psíquico numinoso que sempre

<sup>4</sup> Pouco tempo depois o autor percebeu que Zinzendorf e Calvino já haviam utilizado termo.



ocorre quando aquela é aplicada, ou seja onde se julga tratar-se de objeto numinoso. (OTTO, 2007, p. 38).

O numinoso possui uma característica sui generis, não pode ser explicada conceitualmente, apenas pode ser descrito e observado, nas palavras de Otto:

No ano em que o rei Uzias morreu, eu vi o Senhor assentado num trono alto e exaltado, e a aba de sua veste enchia o templo. Acima de sua veste estavam serafins; cada um tinha seis asas: com duas cobriam o rosto, com duas cobriam os pés e com duas voavam. E proclamavam uns aos outros: “Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos, a terra inteira esta cheia da sua glória”. Ao som das vozes os batentes das portas tremeram, e o templo ficou cheio de fumaça. Então gritei: “Ai de mim! Estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros; os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos”. (Bíblia Sagrada, Isaías cap. 6 v. 1 – 5, p. 545).

A experiência que o profeta Isaías vivenciou, descreve de maneira bem clara o numinoso: o profeta diante da presença de Deus não tem outra coisa a fazer senão reconhecer sua situação de indigno e pecador. Isaías vive a presença clara do numinoso, esta vivência provoca uma reação emocional que podemos chamar de sentimento de criatura, que desencadeia o senso de poder ser aniquilado. O sentimento de criatura frente ao poder de Deus é vivido como se fosse uma projeção de uma sombra, provinda do próprio Deus.

Schleiermacher denominou esse fenômeno de sentimento de dependência. Mas, na concepção de Otto, Schleiermacher conceitua o sentimento de criatura como um sentimento de dependência natural, como é natural o sentimento de insuficiência diante das forças da natureza. Para Otto, o sentimento de criatura se assemelha aos sentimentos de dependência natural, porém, o sentimento de criatura frente ao numinoso é de qualidade diferente do sentimento de dependência natural, segundo Otto:

Trata-se de um sentimento confesso de dependência que, além de ser muito mais do que todos os sentimentos naturais de dependência, é ao mesmo tempo algo qualitativamente diferente. Ao procurar um nome para isso, deparo-me com sentimento de criatura – o sentimento da criatura que afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda criatura. (OTTO, 2007, p. 41).

Rudolf Otto discorda ainda uma segunda vez de Schleiermacher. Este entendia a manifestação numinosa como autopercepção. O indivíduo percebe sua própria condição de insuficiência, e por inferência se dá conta que existe uma força que atua fora dele. Esta força que é poderosa, seria a causa do sentimento de dependência sentida pela pessoa. Mas o sentimento de criatura é fruto não da inferência que o indivíduo realiza, mas provem do receio, um efeito colateral subjetivo provocado pelo sentimento da presença de uma coisa fora de nós no caso o numinoso:

Somente quando se vivencia a presença do nune, como no caso de Abraão, ou quando se sente algo que tenha caráter numinoso, ou seja, somente pela aplicação da categoria do numinoso a um objeto real ou imaginário é que o sentimento de criatura pode surgir como reflexo na psique. (OTTO, 2007, p. 38).

O numinoso é universal, e não apenas está presente em todas as religiões, mas é também a causa da origem delas.

Desse “receio” em sua forma “bruta”, dessa sensação do “misterioso” alguma vez irrompida pela primeira vez, a emergir estanha e nova nos ânimos da humanidade primitiva é que partiu toda a evolução histórico-religiosa. Sua eclosão deu início a uma nova era da humanidade. Dela provêm os “demônios” bem como os “deuses” e o que mais a “apercepção mitológica” ou a “fantasia” tenha produzido em termos de objetivações dessa sensação. (OTTO, 2007, p. 47).

Aquilo que William James classificou como sentimento de uma presença, Rudolf Otto denominou como o numinoso. Otto entende que James reconheceu com louvor a experiência em si, mas não deu a manifestação do numinoso o devido valor. O sentimento de presença objetiva, segundo Otto, é algo inerente à humanidade, e não tem relação como a afirmava de James com falsa percepção ou ingenuidade.

### 3. CONCLUSÃO

Religião, na visão de William James, diz respeito ao relacionamento e na crença em alguma coisa que não pode ser percebida pelos sentidos. O homem possui a estranha capacidade de criar objetos imaginários, e de crer intensamente na existência deles, a ponto de a vida humana chegar a ser em alguns casos totalmente conduzida por seres imaginários.

A vida humana é, provavelmente, determinada essencialmente pela consciência. A consciência trabalha a partir de ideias. As ideias têm três tipos de origens distintos, umas provêm dos sentidos, outras fazem parte do funcionamento da consciência, e outras podem ser inventadas pela imaginação.

Imaginação fantasiosa é a faculdade humana capaz de engendrar ideias. Estas podem ser de todos os tipos, jeitos, modelos e maneiras. Sentimento de uma presença é um fenômeno que acontece na consciência e produz a clara sensação de que existe alguma coisa ao redor de alguém, “alguma coisa ali”.

O sentimento de realidade é a faculdade que permite distinguir entre o fictício e o real, entre o possível e o impossível. Segundo William James, podemos concluir que a religião tem origem quando o homem cria seres imaginários e se relaciona com eles, ao ponto destes seres determinarem a conduta e a prática de culto, adoração e devoção.

Rudolf Otto discorda radicalmente de William James. Segundo o teólogo alemão o psicólogo Norte Americano reconheceu com louvor a manifestação do sagrado em si, mas não deu a manifestação do numinoso o devido valor. A religião, para Otto, acontece porque existe na psique humana uma clara percepção do divino, e desta percepção é que nascem as religiões, ao contrário de James, que entendia que os entes sobrenaturais são simplesmente criados pela imaginação.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

JAMES, William. *As Variedades Da Experiência Religiosa*. 1ª. ed. São Paulo: Cultrix 1995.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. 1ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

KANT, Immanuel. *Crítica Da Razão Pura*. 5ª . ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

HOWARD, Caygiel. *Dicionário Kant*. 1ª. ed. São Paulo: Jorge Zahar, 2000.

STRAUSS, Lévi. *Pensamento Primitivo e Mente civilizada. “Mito e Significado”*. Lisboa: Edições 70, 1980.

Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional / [Traduzido pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional]. São Paulo: Vida, 2000.